

Muitos desses adjectivos possuem fórmas pronominaes exclusivas, que morphologica ou ideologicamente correspondem ás respectivas fórmas adjectivas, como se vê em *alguem* e *algo*, fórmas pronominaes, e *algum*, fórmula adjectiva.

613. CLASSIFICAÇÃO. Esses quantitativos indefinidos evocam idéas **especiaes**, que podem ser distribuidas em quatro classes:

1.<sup>a</sup> **Partitivos**: *Algum, alguém, algo, outro, outrem, al, tanto, quanto, muito, pouco, mais, menos os demais, delles, tal, quejando, certo, bastante, assaz, diversos varios diferentes.*

2.<sup>a</sup> **Distributivos**: *cada, cada um, cada qual, a qual, qualquer, quemquer que : e quando repetidos na phrase : quem, qual, tal.*

3.<sup>a</sup> **Collectivos universaes**: *todo, tudo (positivo), nenhum, ninguém, nada (negativo).*

4.<sup>a</sup> **Correlativos**: *tanto... quanto, tal..., qual, tal... tal, um... outro, nem um; nem outro.*

614. **ALGUM**. O adjectivo *algum* adquiriu, do sec. XVII para cá, quando posposto ao substantivo, o valor negativo de *nenhum*: *cousa alguma = cousa nenhuma* ou *nenhuma cousa*, *homem algum = homem nenhum* ou *nenhum homem*.

Esta aquisição de sentido negativo foi determinada pela *lei do contagio* (Bréal), isto é, pelo apparecimento constante de *algum* como *pospositivo* em phrases negativas, taes como: *não fez cousa alguma, não conheço homem algum*. Este contacto frequente com a negativa *não* em taes phrases, communicou-lhe paulatinamente o valor negativo na posição mencionada.

Até o sec. XVI, não havia ainda *algum* adquirido sentido negativo, como demonstram os seguintes exemplos:

Desta gente refresco *algum* tomamos,  
E do rio fresca agua; mas comtudo  
Nenhum signal aqui da India achamos  
No povo, com nó outros, quasi mudo (Lus 5. 69)

Alegria mui grande foi por certo  
Acharmos já pessoas que sabião  
Navegar; porque entr'ellas esperámos  
De achar novas *algumas*, como achámos (Lus. 5 75)

Ethiopes são todos, mas parece  
Que com gente melhor communicavão :  
Palavra *alguma* arabia se conhece  
Entre a linguagem sua que fallavão (Lus. 5. 76)

615. **ALGUEM, NINGUEM, OUTREM.** São estas hoje fórmãs pronominaes exclusivas, que se referem a *peessoas*, ao passo que as fórmãs cognatas — *algo, nada, al*, são fórmãs neutras que se referem a *coisas*: *alguem* = *alguma pessoa*, *algo* = *alguma coisa*, *ninguem* = *nenhuma pessoa*, *nada* = *nenhuma coisa*; *outrem* = *outra pessoa*, e *al* = *outra coisa*.

No v. port. apparecem essas fórmãs pronominaes com o character de adjectivos modificando outras fórmãs analogas, como *outrem ninguem*, o que é hoje archaismo inadmissivel. Exs.:

Vós, senhor, e outrem ninguem a podces poer em liberdade (Tav. Red., 51) — Sahio logo el em terra... mandando que ninguem outrem descnbarcasse (Ib. 74).

616. **ALGO, AL.** Estes pronomes tem seu etymo nas fórmãs neutras latinas — *aliquot* e *aliud*. Com a obliteração do genero neutro em portuguez, passaram estas fórmãs adjectivas neutras a funcionar como pronomes neutros, que só podiam nomear *coisas*. Ambos estes termos se archaizaram no fallar vivo do povo, e só se mantem escassamente no dialecto literario.

*Algo* frequentemente assume o papel de *adverbio* juncto a um adjectivo, com a significação de algum *tanto*, v. gr.: *algo indisposto*.

*Al* passa com frequencia para a categoria de *substantivo* precedido do artigo (*o al* = *a outra cousa*). — Exs.:

Mas *al* cuidava a fortuna (Tav. Redonda, 104) — Deixaram aquillo e fallavam em *al* (F. Lopes, Chron. de D. Fern. 75) — ...como quem já não podia fazer *al* (Tav. Redonda, 51) — E do *al* que succedeo se dirá a seu tempo que este é doutrem (Ib. 59) —

Já me vou lidar em guerras  
Vou-me á India Occidental;  
Hei de ter novos amores...  
De guerras... não temas *al* (G. D., Poes, 1. 42)

617. **NADA.** Esta fórmula neutra, pronominal correspondente ao adjectivo *nenhum*, tem sua origem etymologica

no participio latino *natus*, -a, -um, que significa *nascido*. Da phrase negativa emphatica — *nulla re nata* = *nenhuma coisa nascida*, que da baixa latinidade passou para o portuguez archaico, nasceu, pela *lei do contagio*, o valor pronominal negativo do participio na fórma feminina — *nada* ← *nata*. Este participio absorveu o sentido da phrase, que desappareceu. A palavra negativa franceza *rien* teve origem na mesma phrase.

Como *al*, *nada* facilmente se substantiva sob o influxo dos artigos: *o nada, um nada, um nadinha*. Reforçado pela negativa *non* (= *no'*), temos o substantivo *nonada* (*cousa de nonada*).

O céu era *nada*, a terra era outro *nada*, os quatro elementos quatro *nadas*, e toda essa infinidade de cousas, uma infinidade de *nadas* (A. V., S. 5. 15).

Obs. Entre os pronomes indefinidos devemos contar *que* quando em sentido absoluto serve de objecto a certos verbos, como — *sinto não sei quê*. A formula latina — *nescio quid*, pondera Díez, serve para designar alguma coisa desconhecida, tal formula é também romanica. De facto, em portuguez e corrente o emprego de *que*, em phrases semelhantes, como pronome indefinido, como se ve no seguinte exemplo de Camões :

Hum não se. *que*, que nasce não sei onde;  
Que dias ha *que* na alma me tee posto  
Vem não sei como; e doe nao sei porque.  
C. Obs. 2. 12 Son. XV.

Frequentemente ao *que* nesta accepção acompanha o artigo indefinido ou adj. possessivo; *um quê mal definido* (G. D.), — *isto de sangue é burundanga que tem seu quê* (A. C.).

618. MUITO, TANTO, MAIS, QUANTO. As primeiras são formas gradativas: *muito*, positivo, *tanto*, comparat. de igualdade, *mais*, comparat. de superioridade, *muitissimo*, superl. synth., e *mui muito* arch. superl. analyt.

a) *Tanto*, como outros comparativos, apresenta-se, ás vezes, na phrase com o caracter de superlativo absoluto:

No mar *tanta* tormenta, *tanto* damno,  
*Tantas* vezes a morte apercebida!  
Na terra *tanta* guerra, *tanto* engano,  
*Tanta* necessidade aborrecida! (C.).

*Tanto*, como comparativo de egualdade, modifica substantivo ou verbo, e correlaciona-se com — *quanto, como e que*:

Tantas sentenças, *quantas* cabeças — *Quanto* sabes, tanto vales — *Tanto* val a cousa, *quanto* dão por *lla* — *Tantos* morrem dos cordeiros, *como* dos carneiros — *Tanto* pão, *como* um polegar, torna a alma a seu lugar — Doze gallinhas e um gallo comem tanto *como* um cavallo — Ao avaro tanto lhe falta o que tem, *como* o que não tem — *Tanto* é a-graz *que* já despraz — *Tanto* pica a pega na raiz do trovisco, *que* quebra o bico — *Tantas* vezes vac o cantarinho á fonte até *que* quebra — *Tanto* dá a agua na pedra, a *é que* quebra.

b) *Quanto* não raro traz elliptico seu correlativo *tanto*: *fez quanto quiz* = *fez tanto quanto quiz*.

Nas phrases *interrogativas, exclamativas e dubitativas* apresenta-se *quanto* com character absoluto:

*Quantos* dias faz? *Quanta* guerra!

As ondas que batião denodadas!  
*Quantos* montes então que derribarão (C.).

c) *Mais* póde modificar *substantivo, adjectivo, verbo e adverbio*; porém como acontece com os seus congeneres, só é adjectivo quando modifica substantivo: *mais amor, menos confiança*.

*Mais* vezes *que* nozes — *Mais* barato é o comprado, *que* o pedido — *Mais* sabes *do que* te eu ensinei — *Mais* val casa donde a roca manda, *que* a espada — *Mais* faz quem quer, *que* quem póde — Muito pede o andeu, mas *mais* o é quem lhe dá o seu.

**Obs.** Faz engano o eminente philologo portuguez Adolpho Coelho na analyse da phrase — *amar muito a alguém*. “A analogia, diz elle — tem tambem grande influencia na syntaxe. Eis um exemplo interessante: “Na construcção *amar muito a alguém, muito* póde ser grammaticalmente o regime directo (objecto directo), *a alguém* o regime indirecto, como prova o conhecido exemplo *pelo muito que amava a seu filho*, no qual *que*, pronome relativo, é o objecto grammatical, representando *muito* como nome. Essa construcção resulta da influencia da analogia do verbo *querer*.

“Diz-se *querer bem, querer mal a alguém, querer muito bem, querer muito mal a alguém*, ellipticamente *querer muito* (= *quere: muito bem*) a alguém. Assim *qu rer* e *muito* fixa-se no sentido de *amar* e ficou com a construcção determinada pelo character objectivo (grammatical) de *muito*; dahi por analogia *amar muito* com a mesma construcção” (*A Lingua Portuguesa*, 3.<sup>a</sup> ed., pag. 82).

Na phrase *pelo muito que amava a seu filho*, **que** não pôde ser *objecto de amar*, por avocar a si essa funcção manifestamente o termo — *a seu filho*. como se vê substituindo-o pelo pronome accusativo — *pelo muito que o amava*. A ausencia de preposição que lhe dá essa apparencia pôde explicar-se por uma ellipse: *pelo muito com que amava a seu filho*, *pelo muito amor com que amava a seu filho*. A ellipse da preposição antes de *que* é commum: ha muito **que** *moro aqui* = *ha muito desde que moro aqui*; "*ha mais de sessenta annos que nasci* detraz daquelle penedo" (F. R. L.) = *desde que nasci*; já cinco soes eram passados **que** *dalli nos partiramos*" (C.) = *desde que da i...* "*lembra-te que és pó = de que és pó*". — Na phrase — *amar muito* (= com muito amor a *alguem*), *muito* é *adverbio* ou *adjuncto adverbial*, e *a **alguem*** é o *objecto*, a presença da preposição **a** não lhe tira o caracter de regimen directo (422), como prova a construcção; *amá-lo muito*. Em — *querer muito a **alguem***, *muito* é pronome adjectivo indefinido e *objecto*, e *a **alguem*** complemento terminativo, como se prova com a substituição pronominal; *querer-lhe muito (bem)*. A presença do dativo **lhe** neste caso e a do accusativo no outro indicam que não houve influencia analogica deste para aquelle.

619. POUÇO, MENOS. *Menos* é comparativo de superioridade synthetico de *pouco*; a fórma analytic — *mais pouco* é plebéa.

a) *Pouco* é partitivo frequentemente substantivado e seguido de *genitivo*, a semelhança dos partitivos latinos: *um pouco d'agua*, *o pouco de recursos que lhe resta*. — E' usual nesta phrase a attracção do substantivo regido sobre o regente: *uma pouca d'agua*, *uns poucos de soldados bastaram*.

*Pouco* damno espanta, *muito* amansa — A muito entendimento fortuna pouca — De muitos poucos se faz um muito — Melhor é muitos poucos, que poucos muitos — Pouco fel damna muito mel.

b) *Menos* é de origem adverbial (lat. *minus*), e, como *pouco*, *muito*, *mais*, *quanto*, etc., é adjectivo deante de um subst., e adverbio sempre que modifica *adjectivo*, *verbo* e *adverbio*. Adquire valor de preposição synonyma de *excepto* (*præter*), quando liga dois termos. Exs.:

Todas as estrellas, *menos* duas, são maiores que a terra (A. V., ap. Bluteau) — Em *menos* de vinte dias (Bluteau) = *minus diebus viginti* (Cic.) — Com muito *menos* confiança (Ib.) = *minus multo audacter* (Terent. — He um estrangeiro, o qual tem *menos* poder, *menos* conhecidos, e *menos* amigos que vós = *peregrinus est, minus potens, quam tu, minus notus, amicorum habens minus* (Ib.).

62. DELLES, DELLAS. Evidentemente *delles* é a contracção da prep. *de* e do pron. pess. *elles*. Na v. ling. era frequente o emprego deste partitivo, que é, com certeza, um fragmento e o herdeiro do grupo logico de expressão — *alguns delles, uma parte d'elles*. A conveniencia de brevidade na expressão e a lei do contagio deram origem ao partitivo *delles*, hoje inusitado, porém em plena vigencia até o sec. XVI:

Saem todos untiamente d'eles em magotes e d'eles em aazes longas e d'eles em aazes de coinha e lidam com o poder dos turcos (T. Port., Livr. de Linh., p. 258).

Delles fazem que não ouvem,  
E elles ouvem muito bem;  
Delles fazem que não vem,  
E delles que não entendem  
O que vai nem o que vem

(G. V. Obs. I. 110)

621. CERTO, DIVERSOS, DIFFERENTES, VARIOS. Estes adjectivos qualificativos, quando antepostos aos respectivos substantivos, assumem o character de determinativos, e de qualificativos quando pospostos, como se vê em *certa verdade e verdade certa, diversas pessoas e pessoas diversas, diferentes coisas e coisas diferentes, varias flores e flores varias*. Esta differenciação de sentido determinada pela posição começou a operar-se do sec. XVII para cá; nos escriptores anteriormente a esse seculo, como em Camões e outros quinhentistas, tal evolução não se tinha operado. Na accepção de determinativo indefinido *certo* admite a anteposição do artigo indefinido: *certo homem, um certo homem*. Já em latim se descobre este valor significativo de *certo*, que mais tarde tem de se desenvolver no portuguez, como nas outras linguas romanicas — *certi homines* (Diez). Entretanto, no portuguez até o sec. XVI, não se revela este novo sentido. Exs.:

Alli, tua frota alegre recebendo  
Hum rei, com muitas obras de amizade,  
Gasalhado seguro te daria,  
E para a India *certa* e sábia guia (Lus. 2. 63).

Mas tu, em quem mui certo confiamos  
Achar-se mais verdade, ó Rei benino,  
E aquella *certa* ajuda em ti esperamos,  
Que teve o perdido Ithaco em Alcino. (Lus. 2. 82)

622. CADA, CADA UM, CADA QUAL. Só no singular se empregam estes distributivos; porém no port. arch. pluralizava *cada um* em *cada uns*:

Quando o Nuno Alvares viu... que cada uns capitães se tornavam a suas fronteras foi mui anojado (F. Lopes, Chron. de D. Fern., 21) — E já não é de negar que, pelejando tantas por tantas, cada huns haveriam que fazer por sua honra (Id. ib., 31)... cada hũs cuidavã que a outra parte seria mais fraca (Palm. I. 237).

Nota-se ainda que *cada um* era mais frequentemente no v. port. seguido de um substantivo expresso do que hoje :

Quando cada hum Rey começou de regnar (T. Arch., 33) — ...e que em cada hum anno pudesse empregar na India duzentos cruzados em mercadorias (Dec. 371)— Diversos dões reparte o Céu benino, e que cada uma alma hum só possuia (C., Obs. 2. 76).

623. CADA QUAL só funciona como pronome, e *cada um* mais frequentemente apresenta-se neste caracter:

Cada qual com seu igual — Cada qual sente o seu mal — Cada qual no seu officio — Cada um dança como tem os amigos na sala — Cada um falla como que é — Cada um sente o frio, como anda vestido — Cada um acode aonde lhe mais dóe — Cada um diz da feira, como lhe vae nella.

624. TODO, TUDO. Este determinativo *collectivo universal* não discriminava morphologicamente no v. port. a fôrma masculina (*todo*) da fôrma neutra (*tudo*). A discriminação é relativamente moderna, e, em certos casos, ainda hoje oscilla o uso entre *todo* e *tudo* (*todo o necessario* e *tudo o necessario*). Na lingua archaica a fôrma *todo* exercia tanto a funcção adjectiva (*todo*), como a funcção pronominal (*tudo*). Do sec. XVI em diante a metaphonia do *o* em *u* dá-nos a fôrma neutra pronominal (*tudo*) diferenciada da fôrma masculina (*todo*):

Leixando *tudo* ho mais necessario per um longo cerco (T. Red., 18) — E ben assi era todo (=tudo), como lhi dizia o erdeiro, e quero vos contar como (Chrest. Arch. 4. sec. XIII). — Seja teu todo o que vestes (tudo o que vestes) (T. Arch., 63, sec. xv) — ...sem o qual (o que) todo (tudo) é nada (L. Cons. 15, sec. xv) — O seu tudo é Tartufo (A. C.)

625. EMPREGO DE TODO E TUDO. *Todo*, anteposto a um substantivo, reclama posposto o artigo definido, mormente no plural: *todo o homem, todos os homens*.

Porém este colectivo universal, do lat. *totus*, adquiriu nas linguas romanicas, quando no sing. e anteposto, o valor *distributivo* de *cada*, approximando-se do lat. *omnis* ou *quisque*: *todo homem é mortal* = *cada homem é mortal*. Existe em portuguez a manifesta tendencia de dispensar, nesta accepção, o artigo: *toda cidade póde ser destruida por um incendio* (cf. *toda a cidade foi destruida por um incendio, a cidade toda*), *todo homem honesto paga suas dividas*. Esta tendencia das linguas romanicas, que em portuguez ainda vacilla em nossos bons escriptores, tem-se fixado na grammatica franceza (*tout homme*), hespanhola (*toda muger*); estas linguas não toleram o artigo, quando *todo* assume accepção distributiva.

No plural, porém, ou na accepção do lat. *totus*, o artigo é indispensavel: *todo o homem não é mortal* = *o homem todo não é mortal, toda a cidade foi saqueada* = *a cidade toda...* (cf. *nem toda cidade tem sido saqueada*), *todos os homens são mortaes, nem todas as cidades teem sido saqueadas*.

No v. port., não raro, apparece, tanto o singular como o plural sem artigo: — *todas partes, todas cousas*, o que é um archaismo, imitado ás vezes por A. Castilho, e que, aliaz, se ouve no dialecto popular (*todas coisas*):

Os defensores que todallas avantageens já declaradas com todos privilegios querem possuir (L. Cons. 34) — Caminhando com toda pressa, ao segundo dia de sua jornada foy a nevoa tam espessa, que lhe causou errar ho caminho (T. Red., 36) — Elle encomendou-se de todo coração (Ib., 77) — Grandemente destro em todas armas... dandolhe licença a todo desenfadamento (Palm. I. 13).

626. Em vez do *artigo definido* era commum o *indefini-*  
*nido*, entre os classicos:

Hum só grão podre corrôpe todo hum cacho, (H. P., II. 307).  
Hum tração forjada com malicia degola de hum golpe todo hum Reyno,  
o Imperio (A. de Furtar, 298).

627. UM... OUTRO, UM E OUTRO. Nos velhos textos da lingua apparecem estes correlativos acompanhados do ar-



tigo definido em ambos os elementos: *o um... o outro, o um e o outro, das bñas e das outras*. No evolucionar da lingua desaparece o artigo do primeiro elemento, e conserva-se no segundo: *um... o outro, um... e o outro*. Hoje, porém, com o progresso analytico da lingua, guardamos, em regra, o artigo do segundo elemento, quando temos necessidade de individuá-lo, de torná-lo saliente:

Um morre... outro nasce, um dos dois morreu... o outro se salvou — Entre o povo ainda se ouve — *á uma... e á outra*: Não escrevi ha mais tempo á uma porque tenho andado bastante adoentado, e á outra porque não tinha grandes novidades para dar (J. Moreira) — Hum me envergonha e outro me injuria (C., Obs., 2. 53)—Assi que, hum pela infamia, que arrecea, e a outra pelas honras que pretende (Lus. 1. 34).

### Pronomes pessoaes

628. OS PRONOMES SUBSTANTIVOS OU PESSOAES teem por função taxonomica não só substituir, na expressão do pensamento, o nome para evitar a sua repetição, mas ainda teem a função, que propriamente os caracteriza, de indicar a pessoa grammatical do nome por elle evocado. Deste modo elle se discrimina do substantivo como categoria grammatical, com o qual, entretanto, teem intima affinidade, pois que assume, no mechanismo da linguagem, a feição de um substantivo *subjectivo*. Dahi o facto de sua destinação syntactica, de representar, nas relações logicas do discurso, os mesmos papeis que a primeira categoria gramantical. E' assim que, como o substantivo, exerce o pronome, na proposição, as funções de *sujeito, complemento e predicado*.

629. DECLINAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAES. A declinação latina, obliterada nos nomes, tem nos pronomes pessoaes claros vestigios de sua passada existencia. Dos seis casos da declinação latina, quatro nos ficaram para indicar as relações syntacticas do pronome pessoal:

NOMINATIVO : *eu, tu, elle, nós, vós, elles.*

DATIVO : *me, mim, te, ti, se, si, lhe, nos, vos, se, si, lhes.*

ACCUSATIVO : *me, mim, te, tí, se, si, o, a, nos, vos, se, si, os, as*

ABLATIVO : *migo, tigo, sigo, nosco, vosco, sigo.*

Os casos do *nominativo* são chamados *casos rectos* ou *subjectivos*, porque figuram como sujeito de proposição, e os outros são *obliquos* ou *complementares*, porque estão sempre em relação complementar.

**Obs.** O portuguez ampliou, com as linguas romanicas suas congeneres, o quadro das fórmulas pronominaes, enriquecendo-o com o pronome da 3.<sup>a</sup> pess. — *elle, ella, elles, ellas*, e com as variações da mesma pessoa — *o, a, os, as, lhe, lhes*, que, como pronomes pessoaes, não existiam em latim. Do adjectivo-pronome demonstrativo — *ille, illa, illud*, como já ficou demonstrado, alargou o portuguez, com grande vantagem da clareza e precisão da linguagem, o esquema pronominal na 3.<sup>a</sup> pessoa, — No V. port. apparece frequentemente o obliquo tónico *mi* e *ti*, por *eu* e *tu*... *mais o coração pode mais ca mi.* (Long. 57, ap. E. Dias).

630. Sobre as fórmulas obliquas convem observar:

1.<sup>o</sup> As fórmulas obliquas tónicas — *mim, ti, si*, são *preposicionaes*, e veem na phrase regida de qualquer preposição, excepto *com*, que rege, aglutinada, os ablativos — *migo, tigo, sigo, nosco, vosco* (*commigo, contigo, comsigo, comnosco, comvosco*). No port. arch. estas e aquellas apparecem na phrase frequentemente sem preposição. — Exs.:

O que me sabe mais que si amar (Chrest. Arch. 285) — O que eu amo mais ca mi, dizem que cedo será aqui (Ib. 289) — E, pois dizedes ca (que) poder non avedes d'al tant'amar, come min (Ib. 295) — Senhor, de quando vos vi, e que fui vosco falar... (T. Port. 127) — Bon dia vi, amigo, poys seu mandad'ey migo (Ib. 138).

2.<sup>o</sup> As fórmulas obliquas átonas — *me, te, se, nos, vos* e as fórmulas tónicas, regidas da preposição — *a* — *a mim, a ti, a si*, igualmente — *a elle, a nós, a vós*, podem funcionar como *dativo* ou como *accusativo*, conforme sua relação com a palavra regente; na terceira pessoa, porém, temos — *lhe, lhes*, que são exclusivamente *dativo* ou *objecto indirecto*.

#### Accusativo

Amar me ou amar a mim  
Estimar-te ou estimar a ti  
Dar-se ao trabalho  
Vê-lo fazer ou ver a elle fazer  
Deixar-nos ver ou deixar a nós  
ver

#### Dativo

Obedecer-me ou obedecer a mim  
Perdoar-te ou perdoar a ti  
Dar-se os parabens  
Ver-lhe fazer ou ver a elle fazer  
Deixar-nos ver ou deixar a nós  
ver

Ouvir-vos contar ou ouvir a vós contar	Ouvir-vos contar ou ouvir a vós contar
Ouvi-los contar ou ouvir a elles contar	Ouvir-lhes contar ou ouvir a elles contar

3.<sup>a</sup> As fórmãs obliquas são chamadas *pronomes pessoas conjunctivos*, pois que sempre se acham na phrase em conjuncção com outras palavras, de que dependem; as fórmãs rectas são chamadas *pronomes pessoas absolutos*, pelo facto de figurarem de sujeito, termo principal e independente da proposição. Claro está que, quando as fórmãs rectas da 3.<sup>a</sup> pess., e da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pess. do plural veem regidas de preposição, perdem o seu caracter de pron. *absoluto*, e se põem em relação de dependencia com um outro termo da proposição: *indagar d'elle, dirigir-se a nós, depender de vós.*

631. EMPREGO DO PRONOME PESSOAL. O estudo da syntaxe historica dos pronomes pessoas offerece phenomenos curiosos, quer em relação aos casos *rectos*, quer em relação aos casos *obliquos*.

632. CASOS RECTOS. O caso *recto* ou o *caso-sujeito* exerce em port., como em lat., a função *subjectiva*. E' o caso nominativo, creado para assignalar o sujeito do verbo. A este destino, porém, nem sempre obedece a lingua archaica, pois não raro apparece nos velhos documentos a fórmula recta do pronome exercendo a função de *accusativo* ou *objecto directo*, sem preposição. Exs.:

Nem veerei ja, em quant'eu vivo for, u (onde) nom vir vós, que eu por meu mal vi (T. Arch. 21) — ...mays mentr'eu vós vir, mha senhor (=mas, enquanto eu vos vir, minha senhora) (O. Nob'ling. 29) — Item mandamos que todolos porcaricos que texerem porcos no campo dem eles a seus anhores... E todolos mançebos que servirem a plaso in gaados paguem eles a rrazum d'este preço de suso dito. Item mandamos e outorgamos que os mançebos que morarem nas lavoiras... paguem eles de suas soldadas... (T. Arch. 30, sec. XIII) — E aquesto foy começo de minha cura, porque sentindo ella, leixei de sentir a mym (L. Conselh. 120, sec. xv) — E Judas dezia a Josep que toumasse elle per servo, que era melhor para servir, e que leixasse Benjamin ir pera seu padre (Chrest. Arch., 94) — Nunca eu depois vi prazer, nen jamais non o veerei, se non vir ela, d'outra ren (Ib. 291) — Porém possam estes moços, teus netos, defender-me, elles allem por mim, elles sós ouve (A. Ferreira, Cast. 58) — Mais os de Bar eran tan alongados pelo mar, que eles non viam os da terra, nem os da terra eles. (Chrest. Arch., 99)—... um panno d'ouro tendido em hastaes, que cobria elle é o cavallo (F. Lopes, C. D. Fern. 164).

633. No Brasil ainda é frequente, no fallar do povo, este uso, do caso *recto* pelo *obliquo*, do caso sujeito pelo caso objecto, em phrases como as seguintes: *eu vi elle, ouvi ella, chama elles para almoçar*. Poder-se-ia suppor que a anomalia destas expressões tanto no portuguez archaico, como no uso brasileiro, consiste na ellipse da preposição *a*: *eu vi a elles, vi a ellas, chama a elles para almoçar*, porém entre nós, o povo leva a anomalia, se bem que mais raramente, para a 1.<sup>a</sup> pessoa, que não admite preposição: *chama eu*.

Este emprego, entretanto, do pronome *recto* não obedece no Brasil sómente á antiga tradição da lingua, mas tambem á necessidade de clareza, pelo menos em relação ao pronome átono — *o, a, os, as*. Este accusativo, sobre fraco, é ainda attenuado na pronuncia brasileira, de sorte que se tornam obscuras ou ambigüas certas phrases de uso frequente, taes como: *vi-o, vi-a, eu o vi, ouvi-o, ouvi-a, eu o ouvi*. Na linguagem familiar difficilmente articulamos sem confusão, taes grupos (*vi-o e viu, via-a e via, eu o vi e eu ouvi, ouvi-o e ouviiu, ouvi-a e ouvira, eu o vi e eu ouvi*). Urgidos pela lei suprema da linguagem, que é a clareza, remove o povo a difficuldade lançando mão, por instincto ou atavismo, do uso archaico do pronome *recto*: *vi elle, vi ella, ouvi elle, ouvi ella, eu ouvi elle*. Todavia, a grammatica continúa a considerar abuso tal uso.

634. Phenomeno contrario ao do paragrapho antecedente, isto é, o emprego do caso *obliquo* pelo *recto*, offerecem-nos ainda os velhos documentos da lingua. De facto, assim como se encontram pronomes na fórma nominativa servindo de *objecto*, assim tambem se encontram pronomes no caso obliquo servindo de *sujeito*. Exs.:

Os grandes nossos amores, que mi (*mim = eu*) e vós sempre ouvemos (O. Nobiling, 49) — A' feira, compadre — Assi; ora vamos eu e ti l longo desta ribeira (G. V., Obs. I. 165) — Casemo-nos eu e ti (Id. 137).

635. Entre nós é tambem corrente, no dialecto popular, empregar-se *mim* com funcção subjectiva, quando este pronome é sujeito do infinitivo, regido da prepos. *para*: *laranja para mim comer, trabalho para mim fazer*, em vez

de — *laranja para eu comer, trabalho para eu fazer*. A razão obvia deste desvio syntactico está na presença da prepos. *para*, que ao povo parece reger o pronome (cf. *esta laranja é para mim*), quando rege de facto o verbo.

636. As fórmias rectas são empregadas muitas vezes emphaticamente no topo da phrase, como um caso especial de anacoluthia, onde o francez emprega as fórmias tónicas — *moi, toi, lui: eu, nada sei; tu, nunca o viste; elle, não o vi mais; nós, não nos accusará*. A este typo deve de pertencer a phrase tão commum: *eu parece-me* — “eu parece-me que he muito cedo pera vossa idade” (T. Redond. 115).

637. LHE, LHES. Procedem estas fórmias pronominaes do *dativo* latino (*illi*  $\rightsquigarrow$  *lhe*, *illis*  $\rightsquigarrow$  *lhes*), e guardam em portuguez o valor syntactico desse caso. Em certo periodo da lingua até os seiscentistas, *lhe* era uniforme numericamente como o *é* genericamente, era singular e plural. Exs.:

Acontece-*lhe* aqui aos moradores o mesmo que aos pilotos (A. V., ap. Serões. 325) —

Comendo alegremente perguntavam  
Pela arabica lingua donde vinham.

Os fortes Lusitanos *lhe* tornavam  
As discretas respostas que convinham (C.)

Qual parida leoa, fera e brava,  
Que os filhos, que nos ninhos sós estão,  
Sentiu que, emquanto pastos *lhe* buscava,  
O pastor de Marsilha lh'os roubava (C.)

**Obs.** Desta invariabilidade numerica de *lhe*, em certa época, vieram as fórmias *lh'o = lhes o*, e *lh'os = lhes os*. Na contracção destes dois pronomes, elimina-se excepcionalmente a desinencia plural do primeiro, produzindo isso a confusão entre o plural e o singular. Tal irregularidade, porém, é apenas a vigencia de um archaismo, a transmissão de um synalepha regular em passado periodo da lingua.

638. FUNÇÕES DE LHE. Morphologica e syntacticamente corresponde *lhe* ao *dativo* latino, e funciona em portuguez como *objecto indirecto* ou *complemento terminativo*: *dou-lhe os parabens, dizer-lh'o, obedecer-lhe, responder-lhe*,

*perdoar-lhe a falta, perdoar-lh'a.* Excusado é dizer que a função dativa de *lhe* se estende ás fórmãs — *me, te, se, nos, vos*, que podem ser igualmente accusativas.

1.º O dativo *lhe*, bem como os seus correspondentes — *me, te, se, nos, vos*, ou os seus equivalentes — *a elle, a mim, a ti, a si, a nós, a vós*, substituem elegantemente os respectivos possessivos:

Arrebatou-lhe a bengala, levou-lhe a palma, pagou-te as dividas, ganhou-nos o coração, cegou-me os olhos, por — arrebatou a sua bengala, levou a sua palma, pagou tuas dividas, ganhou nosso coração, cegou meus olhos.

Todavia, o dativo pôde ahi apparecer não como substituto, mas como reforço, p. ex.:

Os homens perseguiam a Antonio, por que lhes reprehendia seus vícios (A. V.).

2.º Como em lat., o verbo *ser* pôde vir acompanhado do pronome no *dativo* pelo possessivo correspondente:

Sicheu era-lhe esposo (huic conjux Sicacis erat (Verg.) — Que tal marido lhe fosses tu, como te ella é mulher. Tal mulher me fosse ella, qual lhe sou eu marido (A. Ferreira, C. 85).

3.º Com os verbos *chamar*, no sentido de *appellidar*, bem como *fazer, ouvir, ver* e *deixar*, pôde-se empregar o dativo *lhe* pelo accusativo *o*, em expressões como as seguintes: *chamar-lhe* ou *chamá-lo tolo, fazer-lhe* ou *fazê-lo ver, ouvir-lhe* ou *ouvil-o dizer, ver-lhe* ou *vê-lo partir, deixar-lhe* ou *deixá-lo chorar*, excepto quando regem infinitivos de verbos neutros — *deixá-lo morrer*, e não *deixar-lhe morrer*.

639. O, A, OS, AS. Estas fórmãs pronominaes, átonas são oriundas do *accusativo latino* (illum  $\rightsquigarrow$  o, illam  $\rightsquigarrow$  a, illos  $\rightsquigarrow$  os, illas  $\rightsquigarrow$  as), e conservam em portuguez o valor syntactico desse caso. Devido a essas relações morphologica e syntactica com o *accusativo*, taes pronomes só podem funcionar na oração como *objecto directo* (amá-lo) e como *sujeito do infinitivo* (vê-lo morrer, fi-lo prender = fi-lo ser preso).

E' praxe corrente nos bons escriptores, enunciar este pronome-objecto uma só vez procliticamente, quando re-

clamado por dois ou mais verbos coordenados, p. ex.: Eu *o vejo, respeito e admiro*. No caso, porém, de ser elle collocado encliticamente, é de regra repeti-lo após cada verbo: *Vejo-o, respeito-o e admiro-o*. — As fórmãs preposicionaes — *a elle, a ella, a elles, a ellas*, substituem ou reforçam este pronome, como fórmãs explanatorias delle: *vejo-o a elle*, ou *vejo-a a ella*

640. ME, TE, SE, NOS, VOS. Estas fórmãs pronominaes átonas, bem como as fórmãs tónicas, que as explanam — *a mim, a ti, a si, a nós, a vós*, podem funcçãoar na proposição, conforme já vimos, como *dativo* e como *accusativo*, quer isto dizer que podem ser *objecto indirecto* ou complemento terminativo e *objecto directo* ou complemento objectivo, segundo a natureza do verbo regente, v. gr. *amar-me* e *obedecer-me*, *dar-te á patria* e *dar-te os parabens*, *dar-se ao estudo* e *dar-se ares de sabio*, *tirar-nos do perigo* e *tirar-nos o direito*, *querer-vos bem* e *querer-vos para genro*.

Como se tem visto, entre as fórmãs átonas da 3.<sup>a</sup> pess., ha uma para *dativo* (*he*), uma para *accusativo* (*o, a*), e uma para *dativo e accusativo* (*se*).

641. DATIVO ETHICO. De vez em quando, as fórmãs átonas da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pess. funcçãoam na proposição como *dativo ethico* (*dativus ethicus*). Este dativo em portuguez, como no latim e no grego, tem unicamente por fim dar mais valor á expressão, p. ex.:

Olhae-me aquelle assoviar! (G. V., Ohrs. 2. 157) — Olhae-me a cara daquelle rapaz (cf. fr. regardez-moi la mine de ce galand) — Que me está fazendo aquella creança? — Quem m'a matou? (A. F., Cast. 76) — Leitão? isso vos era elle (G. V.) — Assim como vo-lo eu rezo, esta vos é Anna Diz (Id., ap. J. Mor. 1. 26) — Que culpa te tõe teu avô nos desfavores que te tua dama dá? (C., El-Rei Sel., ap. J. Mor., 26).

Obs. Não se confunda o *dativus ethicus* com o que em latim se chama *dativus commodi e incommodi*, que "designa a pessoa ou coisa em cujo proveito ou desvantagem se verifica a acção" verbal: Non escolae, sed vitae discimus = apprendemos não para a escola, mas para a vida.

642. Estes pronomes obliquos átonos, bem como as fórmãs tónicas correspondentes — *a mim* e *commigo*, *a ti* e *contigo*, mencionados no paragrapho antecedente, tor-

nam-se *reflexivos*, toda vez que forem da mesma pessoa grammatical que o sujeito de seu respectivo verbo, por isso que recambiam a acção verbal para o sujeito: *eu me levanto, tu te levantas, elle se levanta, nós nos levantamos, vós vos levantaes, elles se levantam, eu fallo conmigo*. Os verbos assim empregados dizem-se *pronominaes*.

Este volver da acção verbal para o mesmo sujeito que a practica, pôde ser *claro* ou evidente, como acontece com os verbos activos transitivos (*eu me levanto, os meninos se levantam*) ou pôde ser *obscuro* como acontece com os verbos neutros e intransitivos (*eu me arrependo, os meninos morrem-se de frio, elle se sabiu bem*). A idéa reflexa, porém, provocada pela presença desses pronomes obliquos da mesma pessoa que o sujeito, se bem que obscura ou atenuada, revela-se dando ao sujeito interesse mais intenso no factó verbal; é o que os grammaticos chamam a *espontaneidade do sujeito*. Essa espontaneidade ou participação mais viva do sujeito no factó verbal percebe-se comparando as seguintes phrases: *Pedro sabiu bem* e *Pedro sabiu-se bem, José morre por laranja, e José morre-se por laranja*.

643. E' frequente o uso pleonastico do pronome obliquo, quando á testa da phrase collocamos o complemento, que queremos salientar:

Os sinos, já não ha quem os toque (A. H.) — Ao doente não se lhe ha de fazer a vontade (S. de M.) — As mercês os reys as dão (Cancion Geral) — a mim me parece.

O latim medieval offerece exemplo do mesmo processo: *ipsam civitatem restauramus eam* (Esp. Sagr. 40, 365, an. 760).

644. SE, SI, SIGO. Estes casos obliquos do pronome da 3.<sup>a</sup> pess. differencam-se dos outros em ser exclusivamente reflexivos, isto é, em recambiarem normalmente a acção verbal para o sujeito. *Sigo*, embora este pron. já contenha historicamente a preposição *com* (*secum* → *sigo*), como — *migo, tigo, nosco, vosco*, todavia tal conteudo oblitrou-se, e hoje a lingua só o emprega com a agglutinação pleonastica de *com* — *comsigo*. No port. archaico ainda não se havia perdido de todo a noção do seu conteudo histori-



co, pois é frequente a alternação da fôrma simples com a pleonastica. *Si* é preposicional; embora nem sempre assim se apresente nos textos da lingua. — Exs.:

O abbade ergue-o até *si* (A. H.) — O bom por *si* se gaba, o tolo por *si* se acaba — E' elas enton queimem candeas por nos e por *si*, (Chrest. Arch. 347) — ...estes olhos meos, que vos viron por mal de *sy* (T. Part. 131) — Os negros tanto que os viram correr contra *si*, como eram ligeiros... puzeram-se em salvo (Dec. 1. 112) — E' a mesma Venus a qual... se mostra dobradamente maior que *si* (A. V. C. 188) —

Amiga, vos non fezeistes razon  
de que perdeste voss'amig'assi ;  
quando vus amava mais ca *si*  
porque lhi fezeistes ben enton. (Chrest. Arch.).

Ha modernamente uma franca tendencia a se empregar *si* e *sigo*, no estylo familiar, sem valor reflexo, quando de tal uso não advem amphibologia. A. Herculano não foge a este emprego, como se pôde ver do exemplo abaixo; não era o v. port. extranho a esta tendencia:

Ha dous periodos em sua carta que me affligem não por mim, mas por *si* (A. H., Cart. t. I. p. 10).

el por mi morr'e eu ando de *si*  
Amigo, des que meu amigo vi  
namorada (Chrest. Arch. 299)

645. O PRONOME REFLEXIVO NA CLAUSULA SUBORDINADA. Em latim, quando o reflexivo se acha na clausula subordinada, a acção é recambiada para o sujeito da principal, o que em portuguez, em regra, não acontece, p. ex.:

Rogavitque Philippum ut ascenderet, et sederet secum (Vulg. Acts. VIII. 31) = rogou (o Eunucho) a Philippe que subisse e se assentasse com elle (lat. consigo) (A. P.) — Et vidit virum Ananiam nomine, introeuntem et imponentem sibi manus ut visum recipiat (Vulg. Acts. IX. 12) = e viu um varão de nome Ananias, que entrava e lhe (lat. a *si*) impunha as mãos pa a que recebesse a vista (A. P.).

Em portuguez, como se vê nos exemplos supra, se a referencia é feita ao sujeito da clausula principal ou subordinante, emprega-se pronome não reflexo, pois o emprego do reflexivo recambiaria a acção para o proprio sujeito da subordinada, o que se vê traduzindo-se literalmente o lat.: Rogou a Philippe que (o mesmo Philippe) se assentasse

*comsigo, viu Ananias que (o qual Ananias) impunha a si as mãos.* — O mesmo se dá na seguinte phrase citada por Diez: *Multi nil rectum nisi quod placuit sibi, ducunt* — *muitos nada fazem bem feito, senão o que lhes agrada (lat. agrada a si).*

Nota-se, entretanto, no proprio latim, como observa o douto romanista citado, uma certa hesitação quanto á referencia do reflexivo na clausula subordinada, hesitação, que se reflecte no possessivo *suus, -a, -um*, como já notámos. Para evitar ambiguidade, o latim muitas vezes empregava um pronome não reflexo (*is, ea, id*) para elucidar a referencia ao sujeito da oração principal, p. ex.: *Helvetii persuadent Tulingis, oppidis suis exustis, una cum iis proficiscatur* (Ces.) — os helvecios persuadem aos tulingios que, queimadas suas cidades, partam com elles. Neste exemplo nota Chassang que *suis* refere-se ao regmen da clausula principal (Tulingis), e que o demonstrativo *iis* (= com elles) refere-se ao sujeito (Helvetii) da mesma, e não ao da subordinada.

A hesitação ou vacillação do latim classico no emprego do pronome reflexivo na clausula subordinada com referencia ao sujeito da subordinante, produziu no latim da decadencia uma tendencia crescente para substituir, neste caso, o reflexivo pelo demonstrativo (*is, ea, id*): b. lat. *orans, ut sibi sanctus succurreret, atque ei (sibi) considerat gratium* (Gr. Tur. 5. 14) — orando para que o sancto o (= sibi) soccorresse, e lhe (ei = sibi) concedesse graça.

Todavia, em nossos escriptores classicos encontramos por vezes a syntaxe latina com respeito á referencia ao sujeito da principal:

Os negros tantos que os viram correr con'ra si (contra elles *negros*, sujeito da principal *viram*), *como eram mais ligeiros...* puzeram-se em salvo" (Barros, Dec. 1. 112) — O sogro o deteve, e fez ficar comsigo (*obnixè eum socer tenuit, et apud se fecit manere*, (A. P., Juiz., 19.7) — isto é, com elle sogro, sujeito da principal *fez*, e não com o proprio genro, sujeito da subordinada *ficar*.

646. O SE PARTICULA APASSIVADORA. Dá-se a designação de *particula apassivadora ou apassivante* ao pronome reflexivo *se*, toda vez que a acção verbal por elle recambiada é recebida, porém não practicada pelo sujeito, como: *cor-*

*tam-se arvores, alugam-se salas, os mares se navegam pelo feio phoca (C.).*

Quando a acção recambiada é recebida e practicada pelo sujeito, que é então *agente e paciente*, a voz do verbo se diz *média ou reflexa* (*o menino se corta*); quando, porém, é apenas recebida pelo sujeito, que, ou por incapacidade ou por outra circumstancia, deixa de ser *agente* e se constitue apenas *paciente*, a voz do verbo assume o character de *passiva*, e o pronome reflexivo de *particula apassivadora*: *cortam-se as arvores, convidam-se os moços*.

647. Acontece com certos verbos *transitivos*, empregados impessoalmente, que a acção devolvida pelo reflexivo *se* não encontra sujeito conhecido ou determinado que a pratique, como em — *come-se bem, ama-se a Bernardes* (A. C.), *teme-se ao deus Termino* (Id.), *respeita-se aos doctes* (A. Paiva). Neste caso, a acção suppõe-se apenas *recebida*, o valor syntactico é *passivo*, e a particula *se*, incorporada no verbo, mantém, portanto, o seu character *apassivador*.

Extende-se este phenomeno aos proprios verbos *intransitivos*, embora ahi o conceito de reflexibilidade accional seja obscuro, e a prova desta extensão temo-la na fórma passiva latina por taes verbos assumida: *vive-se, passeia-se, vae-se ao céo, entra-se nesta sala* = *vivitur, ambulatur, sic itur ad astra* (Verg.).

648. Igual phenomeno *apassivante*, se bem que menos frequente, pôde dar-se com os outros pronomes obliquos (*me, te, nos, vos*), quando empregados reflexivamente, p. ex.:

Chamo-me Pedro e elle se chama Paulo, baptizamo-nos no mesmo dia (sou chamado Pedro, elle é chamado Paulo, fomos baptizados no mesmo dia) — Não vos consumaes de tristeza, nem vos devoreis de zelos (não sejaes consumidos, nem sejaes devorados)

No estudo das vozes dos verbos examinaremos mais particularmente esta funcção do *pronome reflexo*.

649. PRONOMES DE REVERENCIA. Tinham no latim classico os pronomes pessoaes seu valor proprio sem qualquer idéa accessoria de reverencia ou irreverencia. Os impera-

dores romanos, de Deocleciano em diante, começaram a usar de *nos* em lugar de *ego*, e passou assim o pronome plural *nos* a indicar uma pessoa proeminente, que representava um a collectividade. Os principes e os bispos reclamaram para si o mesmo emprego desse plural, que se tornou *plural de majestade*. Arrastado pela analogia o pronome *tu* começou a ser substituído pelo pron. *vós*, nas linguas romanicas, sempre que se queria mostrar deferencia ao interpellado. Degradado deste modo o pron. *tu* de sua primitiva dignidade, passou a ser, por um lado, a expressão de inferioridade, de desprezo ou de odio, e, por outro, no circulo de relações intimas, a expressão de amor e de familiaridade.

Todavia, por influencia da *Vulgata*, o pron. *tu* ainda conserva sua dignidade primitiva na linguagem religiosa, quando nos dirigimos á Divindade, como se póde ver na oração dominical:

Pater noster qui es in coeli, santificetur nomen tuum, Adveniat regnum tuum. Fiat voluntas tua, sicut in coelo et in terra. Panem nostrum supersubstantialiorem da nobis hodie. Et demitte nobis debita nostra, sicut est nos demittimus debitoribus nostris. Et ne nos inducas in tentationem. Sed libera nos a malo. Amen.

O P.<sup>e</sup> Antonio Pereira de Figueiredo assim traslada a portuguez esta oração:

Padre nosso, que estás no Céu : santificado seja o teu nome. Venha a nós o teu reino. seja feita a tua vontade, assim na terra como no Céu. O pão nosso que é sobre toda subsistencia nos dá (tu) hoje. E perdoa-nos as nossas dividas, assim como nós tambem perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixe (tu) cahir em tentação. Mas livra-nos do mal. Amen.

Observa-se, entretanto, em nosso meio, na liturgia catholica, uma certa reacção contra o emprego da 2.<sup>a</sup> pess. sing. nas orações cultuaes; é assim que muitos preferem, na oração dominical, mudar os pronomes, os possessivos e os verbos para a 2.<sup>a</sup> pess. do plural:

Padre dosso, que estaes no Céu ; santificado seja o vosso nome... venha o vosso reino... (vós) perdoaes as nossas dividas... não nos deixeis (vós) cahir... (vós) livra-nos do mal.